

O PAPEL DAS ASSOCIAÇÕES JUVENIS NA ACULTURAÇÃO DOS JAPONÊSES

Ruth Corrêa Leite Cardoso

(Centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo)

I. "Issei" e "Nissei" no Brasil

A imigração japonesa em nosso país tem ainda uma curta história. Iniciada no começo deste século (1908), não chegou a ser interrompida, apesar de ter passado por períodos de forte baixa. Ao mesmo tempo que era estimulada pelo governo japonês, tinha de sujeitar-se a uma política descontínua do governo brasileiro, reflexo de opiniões divergentes sobre a capacidade de assimilação do imigrante amarelo. Exemplos dessas opiniões contraditórias encontramos-as em numerosos artigos de jornais e na Revista de Imigração e Colonização publicada pelo Conselho de Imigração e Colonização¹.

Dêste modo, estabelecido o critério das quotas de imigrantes de acordo com a porcentagem já entrada no país, o grupo japonês no Brasil nunca se tornou muito numeroso, apesar dos estímulos que existiam no Japão a favor da emigração.

Segundo os dados do Censo de 1950² temos um total de 329.082 amarelos presentes em nossa população, e podemos aceitar este número como representativo da situação da colônia japonesa em nosso país, uma vez que não houve outra imigração de povos mongolóides que ultrapassasse o limite de casos esporádicos e individuais. Isto se confirma pela análise da distribuição dessa população pelas unidades da Federação³; os Estados que receberam imigrantes japoneses são os que têm grande número de amarelos, ao passo que nos outros o total é insignificante.

Torna-se necessário lançar mão deste recurso por não dispormos de dados que permitam agrupar nacionalidades; e mesmo que existissem, não seriam satisfatórios para os nossos fins, porque estamos interessados nos descendentes dos japoneses, que, tendo nacionalidade brasileira, não se isolam dos totais gerais dados para a população brasileira.

Os quadros que se referem à côr são, pois, os que ainda nos podem ajudar a apresentar o problema.

A distribuição do grupo de amarelos por sexo e idade (quadro 2) indica uma lenta e contínua diminuição da população nos grupos de idade mais avançada. Significa isto que não há concentração em grupos de idade madura, em que o homem tende a imigrar, mostrando que a imigração japonesa foi fundamentalmente familiar.

QUADRO I

População amarela segundo sexo por unidades da Federação
1950

Unidades da Federação	homens	mulheres
Guaporé	1	—
Acre	7	3
Amazonas	308	249
Rio Branco	1	—
Pará	465	410
Amapá	2	—
Maranhão	17	17
Piauí	4	5
Ceará	10	10
Rio Grande do Norte	11	5
Paraíba	22	24
Pernambuco	52	31
Alagoas	6	2
Fernando de Noronha	—	—
Sergipe	1	3
Bahia	99	57
Minas Gerais	1226	1031
Espírito Santo	21	3
Rio de Janeiro	1364	1120
Distrito Federal	700	332
São Paulo	145099	131752
Paraná	20546	18598
Santa Catarina	26	25
Rio Grande do Sul	276	219
Mato Grosso	1976	1673
Goiás	633	530
Total	172978	156104

A distribuição neste grupo repete o movimento da distribuição total da população, isto é, não se trata de grupo formado principalmente por homens adultos. Podemos afirmar, e a história dos imigrantes o confirma, que os japoneses vieram para o Brasil com suas famílias, para a agricultura; e se localizaram em algumas regiões, onde por compra ou arrendamento de terrenos se reuniram em núcleos de convivência, situação que, pelo relativo isolamento desses núcleos, facilitou a manutenção de certos padrões da cultura de origem.

Tratando-se, porém, de imigração familiar, logo veio a colocar-se o problema da educação dos descendentes, e os velhos imigrantes, “issei” na designação japonesa, pretenderam tornar o “nissei” um herdeiro da tradição cultural japonesa.

O papel da família na educação nipônica é muito importante, e à total autoridade paterna cabe formar o espírito de disciplina e obediência nos mais jovens. Esta parte da educação foi e é cumprida pelos “issei”, e para

QUADRO II

População amarela, por sexo e grupos de idade
1950

Grupos de idade	População amarela presente				Total da população presente			
	Homens	%	Mulheres	%	Homens	%	Mulheres	%
0 a 4 anos	28.425	16,43	26.737	17,13	4.235.876	16,36	4.135.004	15,87
5 a 9	25.788	14,91	24.292	15,56	3.560.850	13,76	3.454.677	13,26
10 a 19	38.601	22,32	37.449	23,99	5.809.235	22,44	6.001.647	23,03
20 a 29	26.467	15,30	24.761	15,86	4.414.772	17,06	4.708.638	18,07
30 a 39	20.319	11,75	16.276	10,43	3.145.715	12,15	3.140.337	12,05
40 a 49	14.619	8,45	11.732	7,52	2.246.107	8,68	2.119.252	8,13
50 a 59	11.440	6,61	9.402	6,02	1.360.580	5,26	1.289.734	4,95
60 a 69	5.762	3,33	3.994	2,56	728.802	2,82	722.666	2,77
70 a 79	1.176	0,68	1.045	0,67	247.755	0,96	297.415	1,14
80 e mais	163	0,09	214	0,14	81.432	0,31	127.271	0,49
Idade ignorada	218	0,13	202	0,13		0,21		0,24
Total	172.978		156.104		25.885.001		26.059.396	

complementá-la apareceram as escolas japonesas, com professores, currículos e programas iguais aos do curso primário japonês. Antes da guerra essas escolas funcionavam abertamente, com seus 6 anos de ensino, tanto em zonas rurais como urbanas, onde houvesse um número de japoneses suficiente para mantê-las.

A sua função principal era ensinar o japonês, informar o aluno sobre o Japão, desenvolvendo o sentimento de patriotismo e civismo, e complementar o papel da família na imposição de uma disciplina rígida e de uma consciência de superioridade racial e cultural.

Porém, o "nissei", mais que seus pais, é obrigado a ultrapassar este círculo fechado de convivência, e se nas cidades consegue isto mais cedo, através do grupo de brinquedo e vizinhança e da freqüência ao "Grupo Escolar" concomitante à da escola japonesa, em zonas rurais mantém-se muito mais ligado à família e ao núcleo japonês, mesmo quando freqüenta o curso primário, onde aprende o português.

De qualquer forma, já bem cedo certos problemas se colocam ao "nissei": o aprendizado do português, o ajustamento a um regime escolar diverso, a convivência com colegas e amigos. Desde então, ele começa a viver em dois ambientes distintos.

Não podemos, entretanto, caracterizar tão simplesmente a situação, admitindo dois polos opostos: a família japonesa e a sociedade brasileira. Mesmo dentro de sua família, encontra o "nissei" estímulos para um entrosamento no meio brasileiro, que se traduz principalmente por uma exigência de êxito profissional. Como todo imigrante, o japonês pretende uma rápida ascensão, e espera dos filhos sucesso econômico ou adoção de uma carreira que lhe garanta "status" mais elevado. Esta expectativa exige um relativo entrosamento dos jovens à sociedade brasileira, levando o "nissei" a aprovar e admitir um círculo de convivência, fora da família, em que age como brasileiro.

Observa-se mesmo uma seleção intencional dos pais, escolhendo um ou alguns dos filhos para continuarem os estudos depois do curso primário e da escola japonesa. Tal escolha é feita na base da maior vontade de estudar, do aproveitamento na escola, enquanto aos outros filhos, principalmente ao mais velho, cabe continuar os negócios da família, e encarregar-se de sua manutenção. O filho mais velho, herdeiro da autoridade paterna, deve estar muito ligado aos padrões familiares tradicionais, enquanto os outros têm oportunidade de encontrar uma profissão urbana. Essa regra não é rígida, e muitas vezes o primogênito recebe também instrução escolar completa, podendo então exercer uma profissão que lhe permita independência. O que interessa ressaltar, porém, é a dupla orientação que tem o "nissei" mesmo dentro da sua família: pressão para tornar-se um membro da comunidade japonesa e, ao mesmo tempo, expectativa de que através de uma formação profissional consiga ascender na escala social.

O simples fato de existir na comunidade japonesa a designação “nissei” para distinguir os descendentes de imigrantes, sugere que lhes é atribuída uma posição particular e que não se espera necessariamente a sua participação total na cultura japonesa. Segundo Hiroshi Saito⁴, “há mesmo certas pessoas que, sendo ‘nissei’, evitam o uso desse designativo e o fazem deliberadamente. Trata-se de uma prenoção que vem de longe do tempo em que a relação issei-nissei era inversa à de agora”... “O termo ‘nissei’ era, então, um sinônimo do que é ‘inferior’, do que é ‘submisso’, do que não é ‘puro’, e assim por diante”. Ainda segundo este autor, atualmente, talvez como consequência da guerra, os “issei” mudaram a sua atitude, admitindo que seus filhos são brasileiros, e exigindo deles apenas a manutenção de certos padrões japoneses. Isto corresponderia à perda da liderança dos velhos na colônia e a crescente prestígio da geração de “nissei”. “O chamado e tão debatido problema não foi, nem devia ser por sua natureza, um problema para o ‘nissei’, mas sim para o ‘issei’. Os fatos mostram que os últimos dois lustros representam uma seqüência de recuos e revezes para a geração japonesa. Da doutrina de ‘wakoi yosai’ (alma japonesa com sabedoria ocidental) ou, mais especificamente, ‘wakoi hakusai’ (alma japonesa com sabedoria brasileira), o ‘issei’ passou a abraçar nova teoria: ‘hakushu nitiyu’ (brasileiro em primeiro lugar e japonês, em segundo plano)”...⁵.

Este trecho mostra que no processo de aculturação dos imigrantes japoneses podemos reconhecer duas fases nítidas. A Segunda Guerra Mundial, pelos problemas que colocou, foi o marco divisor.

Os japoneses, súditos de um país do Eixo, sofreram, no período da guerra, uma série de restrições que criaram condições para essa mudança de atitude. O fechamento dos jornais em língua japonesa colocou os imigrantes num isolamento total, pois em sua maioria não conheciam o português, ficando, pois, sem notícias do desenvolvimento da guerra. Isto, aliado ao sentimento de orgulho e fidelidade que os ligava, até então, ao Japão militarista, possibilitou o aparecimento de movimentos chamados “vitoristas”, daqueles que não acreditavam na derrota do Japão.

Esses movimentos e as perseguições sofridas durante a guerra e enquanto perdurava a crença na vitória e na força do Japão, obrigaram o japonês a definir sua atitude de lealdade para com a pátria adotiva. O desmoronamento do Japão Imperial, guerreiro e invencível, e a fixação cada vez maior no Brasil, onde os imigrantes conseguiam algum sucesso, foram os fatores imediatos que obrigaram a uma consciencialização da ligação do “nissei” com o Brasil.

Nesta situação constituiu-se no seio da colônia japonesa todo um grupo de esclarecidos (“derrotistas”) empenhado em garantir ao “nissei” direitos que lhe eram negados pela autoridade paterna. O “Jornal Paulista” aparece depois da guerra (1-1-47), quando as publicações em japonês são novamente permitidas e, como representante desse grupo, no editorial de

inauguração, assim apresenta o seu programa: "...A colônia japonesa necessita encontrar uma diretriz acertada, baseada no conhecimento objetivo da realidade na qual se encontra. Deverá nascer daí uma nova cultura, uma nova mentalidade, coerente com o evoluir da nova era. Outro problema que a colônia deve encarar com seriedade diz respeito ao nissei". O nosso futuro está intimamente ligado com o que será o nissei doravante. Nisso, o ponto essencial está em convencer-mo-nos de que o nissei é brasileiro. E' necessário formá-lo digno cidadão brasileiro e empenhar-se na sua completa assimilação na sociedade brasileira" 6.

Estamos, pois, diante de uma situação especial, em que os imigrantes japoneses, vivendo os problemas do após-guerra, e em sua grande maioria influenciados pelas opiniões desse jornal e de líderes do grupo que representa tomaram consciência da marginalidade do "nissei", daí decorrendo maior tolerância com certas atitudes não conformes com os padrões tradicionais japoneses. Notamos, por exemplo, que o "issei" em São Paulo hoje não se opõe a que seus filhos freqüentem bailes em suas associações, usem o português quando não estão falando com pessoas idosas, e até mesmo o namôro é tolerado. Voltaremos a tratar, mais adiante, de como êste comportamento se impôs; aqui queremos apenas assinalar a sua existência, e a pequena ou nenhuma reação a êle por parte do "issei". Pudemos verificar estas condições de vida familiar dos japoneses através de entrevistas com "nissei" de ambos os sexos. Um índice significativo dessa tolerância é a reação do "issei" frente às associações de "nissei", pois êsses grêmios, promovendo bailes, oportunidades de namôro, independência das atividades dos filhos com relação aos pais, e mesmo críticas a certas atitudes dêstes, têm papel relevante na imposição dos novos padrões.

Nas entrevistas, quando o "nissei" não freqüenta associações e bailes, apresenta quase sempre razões pessoais 7, muitas vêzes afirmando que os pais aprovariam essa forma de convivência.

Em 70 entrevistas com "nissei" matriculados em escolas secundárias encontramos a seguinte situação quanto à reação dos pais à freqüência de associações de jovens, bailes e outras atividades recreativas:

Reação dos pais à freqüência de associações

	Masc.	Fem.	Total
Não há oposição da família	18	32	50
Não há oposição, mas não freqüentam associações por falta de tempo	5	2	7
Há oposição da família	3	4	7
Não responderam	1	5	6
Total	27	43	70

Isto significa que, de um total de 70 indivíduos, 57 não sentem oposição da família à freqüência às associações juvenis e casos há, mesmo

sendo o baile a única atividade que os interessa, em que têm a anuência dos pais. Isto não é absolutamente uma situação anormal. Grande parte dos membros das agremiações não participam ativamente de sua vida, mas apenas de suas festas e reuniões importantes, isto é, naqueles momentos em que elas funcionam principalmente como impositoras de padrões ocidentais e quase não se distinguem de outros grêmios recreativos.

A tolerância na família japonesa, que parece ter começado depois da guerra, indica que o "nissei" não vive em dois mundos diversos, a sua família e os grupos brasileiros que frequenta. Profundamente atingidos pelo processo aculturativo, os padrões de comportamento familiar japoneses não apresentam mais a antiga coerência; assim, os jovens ficam colocados entre dois polos de influências, que, porém, não podem ser identificados com a família e os grupos brasileiros, representados especialmente pela escola, como se tem pensado até agora ⁸.

Não é só a geração de "nissei" que se vai aculturando, é um processo geral que atinge toda a colônia, criando, por isso mesmo, condições especiais de vida para os jovens colocados entre dois mundos culturais superpostos e não paralelos.

Continuam os "issei" a pensar em termos da "alma nipônica" que querem transmitir aos seus filhos, mas ao mesmo tempo a ambição de êxito econômico que trouxeram como imigrantes e a valorização das profissões liberais e das atividades intelectuais fazem deles educadores vacilantes e não rígidos impositores das "virtudes nipônicas" como nos primórdios da imigração.

O "nissei", consciente de sua posição marginal, define-se como membro de um grupo isolado e nunca se identifica com os brasileiros ⁹. Aceita a valorização da etiqueta japonesa, do domínio sobre si mesmo, da submissão aos mais velhos, e considera-se na obrigação de viver conforme estas expectativas, porque o seu próprio sucesso depende principalmente da colônia e das oportunidades que através dela lhe forem concedidas como profissional. O seu êxito é medido dentro e com relação à colônia japonesa. Porém, pela sua formação e para que possa gozar de certos direitos, deve o "nissei" viver como brasileiro, e a escola, os amigos, a sua iniciativa pessoal entre outras "virtudes ocidentais" é que lhe vão garantir sucesso e prestígio, mesmo dentro do grupo de imigrantes. Basta lembrar quem são os líderes da colônia atualmente (deputados, engenheiros, advogados etc.), e a orientação do jornal de maior prestígio na colônia, o "Jornal Paulista", para vermos que isto é verdade. E' o que assinala Saito¹⁰: "Tôda essa transformação paulatina na atitude do 'issei' para com 'nissei' mostra uma seqüência de mudanças que implicou na perda de terreno para o primeiro. De fato, o chamado problema de 'nissei' traduz-se em como racionalizar o retrocesso do 'issei'."

Foi esse crescente prestígio dos mais jovens que possibilitou o aparecimento de associações juvenis independentes, que se constituíram sem a

participação dos "issei" ou se libertaram de sua tutela, para defender e dar prestígio ao "nissei", reunindo todo um grupo com os mesmos problemas e as mesmas necessidades.

II. Associações de "nissei"

Sob a rubrica associação de "nissei" reuniremos clubes e grêmios bastante diversos quanto a sua finalidade, mas que agrupam os jovens "nissei" em atividades organizadas, propiciando a convivência.

Verificamos que existe um grande número de clubes recreativos e esportivos, organizados e freqüentados por jovens descendentes de japoneses. Academias de judô, grupos de pingue-pongue, times de basebol, congregações religiosas e associações culturais são formas que essas agremiações étnicas comumente assumem. A explicação do grande número de associações em relação à população de "nissei" pode ser procurada nos incentivos inerentes à cultura japonesa. Tradicionalmente os japoneses se organizam em agrupamentos por idade, com funções definidas, e os "seinen-kai" ou "seinen-dan" (agremiação de jovens) foram reorganizados modernamente e aproveitados para a política nacional e militarista dos governos contemporâneos. Este fato é assinalado para o Japão por Stoetzel, na seguinte passagem: "Traditionnellement, les jeunes japonais sont groupés en organisations qui leur sont propres. Si les administrations autoritaires, à l'époque contemporaine, ont ranimé, renforcé et réorganisé dans un esprit national ces associations de jeunes, elles ne les ont nullement créées et n'ont fait au contraire que tirer parti d'un trait culturel très ancien et durable de la société japonaise" ¹¹.

A imigração japonesa no Brasil data deste século, e os imigrantes, trazendo do Japão de pré-guerra aquêle espírito militarista, valorizavam as associações juvenis a tal ponto que elas apareceram em número bem maior que as associações de senhoras, de velhos, de meninos etc., que também existiam tradicionalmente e que, por sua vez, começaram a surgir no Brasil. Entretanto, se o "seinen-kai" conseguiu viver e espalhar-se por tôdas as zonas de população japonesa, foi não só porque os "issei" o desejavam, mas também porque se tornaram recursos de integração do "nissei" à sociedade brasileira, adquirindo assim função diversa da original. Daí o número de associações que existem hoje e que, apesar da diversidade de fins, reúnem sempre uma população exclusivamente "nissei", que enfrenta problemas comuns. Oferecem soluções aceitas pelo "issei" e pelo "nissei" quanto às formas de recreação, liderança e atividades culturais dos jovens.

Estamos muito longe de ter uma relação completa das associações existentes em São Paulo, cidade a que limitamos a nossa pesquisa. A lista que temos foi levantada através de entrevistas e consultas ao Jornal Paulista, e se certamente abrange as maiores e mais freqüentadas, deixa de lado

muitos grupos da periferia, que só um contacto mais prolongado permitiria localizar, porque geralmente reúnem os adolescentes de um núcleo de vizinhança, ocupando alguma residência particular para as suas atividades.

E' preciso distinguir entre êstes dois tipos de associação: o "clube" recreativo-cultural ou esportivo, com sede central e número grande de sócios, em geral bastante conhecido na colônia, e os pequenos grêmios em grande parte suburbanos que congregam um grupo de vizinhos, sendo em geral controlados pelos "issei". Êsses pequenos grupos são representativos de áreas de população japonesa, enquanto os "clubes" maiores, reunindo jovens de toda a cidade de São Paulo, e recém-vindos do interior, têm um quadro social bastante diversificado e não se ligam a uma área delimitada. Funcionam como grupos de idade que procuram a integração do "nissei", permitindo selecionar e impor certos comportamentos novos.

O fato de essas associações juvenis terem força para impor atitudes e comportamentos novos só o podemos compreender depois de conhecer o seu desenvolvimento.

Sabendo que o "seinen-kai", isto é, a forma tradicional de associação de jovens japoneses, aparece patrocinado pelos "issei" e diretamente controlado por êles, podemos avaliar o prestígio que gozava na colônia, e o interesse dos pais pelas atividades que seus filhos desenvolviam nesses núcleos.

Porém, como já foi assinalado, a Segunda Guerra Mundial foi um marco importante para a mudança de atitude dos japoneses, pois com as restrições a reuniões e a consciência da discriminação agora quase legalizada, muitas alterações foram ocorrendo naquelas instituições.

O "seinen-kai" foi se libertando da tutela do "issei". Seus diretores só podiam ser brasileiros; e os filhos de imigrantes, diante do impacto da declaração de guerra ao Japão, tomaram consciência de sua situação particular em razão de sua nacionalidade brasileira, atuando decididamente na direção dos clubes. O "nissei" pôde dar-lhe outra orientação, de certa forma atualizando as suas atividades.

Afastados os velhos "issei" dos conselhos e das diretorias, os "seinen-kai" enfrentaram um problema de sobrevivência, porque não tinham meios para resolver suas necessidades econômicas. E a sua independência só foi possível na medida em que certas atividades novas se foram desenvolvendo, tais como bailes, concursos de beleza, jogos de futebol ou baseball, que pudessem oferecer alguma renda. Ainda hoje estas atividades são importantíssimas para a manutenção desses clubes, apesar de contarem sempre com a ajuda dos "issei" esclarecidos.

Conseguida esta independência econômica e enfraquecida a dominação dos "issei", os "nissei" transformaram os "seinen-kan" em clubes recreativos capazes de atender à segunda geração de japoneses num momento em que a consciência de uma definição de nacionalidade se impunha.

Tal é, em traços gerais, a história de quase todas as atuais associações de São Paulo. Representa bem a transição das relações "issei"- "nissei",

dando ao último um crédito de confiança. E por que lhe foi concedido este crédito? O entrosamento do "nissei" à vida urbana exige dêle um grande esforço, porque o adolescente recém-saído de uma família de camponeses tradicionais e herdeiro de padrões culturais estranhos, deve vencer muitas barreiras até que possa ajustar-se convenientemente a certas condições rotineiras da vida urbana. A família japonesa, oferecendo, como já vimos, alguns incentivos ao ajustamento, falha como agente integrador; o agrupamento de jovens passa a exercer esta função, reunindo a geração afligida por problemas comuns e tentando oferecer soluções. Com a sua transformação funcional, o "seinen-kai" tornou-se uma instituição capaz de responder às necessidades de integração dos jovens "nissei" à sociedade mais ampla.

O êxito profissional dos jovens, que é uma meta na educação familiar do "nissei", depende desta integração aos ideais de comportamento da sociedade brasileira; para possibilitá-la, as associações oferecem aos "nissei" oportunidades para se adaptarem a seus papéis ocidentais.

Segundo Eisenstadt¹², os grupos de idade aparecem em sociedades em que a família não constitui a unidade principal da divisão social e econômica do trabalho, e onde o indivíduo deve aprender papéis não ensinados pela família. Pode-se dizer, segundo este autor, que os grupos de idade constituem uma esfera de conexão entre a família e outras esferas institucionalizadas da sociedade. Para o nosso caso, a análise de Eisenstadt é bastante explicativa, mostrando bem a posição das associações juvenis na situação de contacto observada em São Paulo. A família patriarcal japonesa está se dissolvendo como unidade econômica, sob a pressão do processo de urbanização e da preocupação de ascensão social decorrente da situação de imigrantes. Os filhos procuram uma profissão urbana ou tornam-se donos de pequenas propriedades agrícolas, onde residem e constituem família, desligando-se do núcleo familiar. Por isso, a continuidade dêste como unidade econômica, está em perigo. Por outro lado, o grupo familiar não é capaz de preparar os filhos para os papéis que terão de desempenhar como adultos. A família deseja e incentiva a procura de uma profissão urbana, mas não pode preparar a integração dos jovens à sociedade brasileira, condição necessária ao êxito.

Tal situação cria para as associações uma função específica: abrasilizar o "nissei", fornecendo-lhe pelo menos padrões de comportamento adequados. É desta maneira que estão agindo os "clubes", permitindo e valorizando condutas outrora vedadas ao "nissei", tais como: dançar, participar de festas ocidentais, concursos de beleza etc. E, mais ainda, dando-lhe um núcleo de convivência em que se usa apenas a língua portuguesa, cujo domínio é condição importante para o sucesso nos cursos escolares e na vida profissional.

Atualmente, tôdas as associações de "nissei" atuam desta maneira, e presenciemos um processo de aglutinação dos pequenos clubes para for-

mar outros maiores. E' o caso da atual Associação Recreativa e Esportiva Lux, conhecida como sociedade Arelux. Nasceu há 5 anos, no bairro de Monções, organizada como um "seinen-kai", e congregando principalmente jovens recém-vindos do interior, que, sentindo-se isolados e com dificuldades para participar de atividades recreativas e esportivas em clubes nacionais, fundaram essa agremiação. Posteriormente a sociedade cresceu e mudou de orientação, passando a chamar-se Associação dos Nisseis de São Paulo, graças à participação ativa de um grupo esclarecido que pretendia maior autonomia, para que o clube pudesse realizar bailes e outras atividades condenadas pelo grupo dos velhos. Incorporou o Noroeste, time de futebol que existia isolado, e posteriormente criou-se o departamento de basebol e o de pingue-pongue. Em meados de 1957, fundiu-se com o grêmio King, formando então a Arelux, que publica um jornal, cujos objetivos vêm expostos no primeiro número: "Além de informar, êste boletim mensal procurará, dentro do elevado espírito que norteiam os nossos propósitos, orientar, educar e também criticar. Sim, criticar, porque através de uma crítica consciente e construtiva é que se orienta e se educa" ¹³.

A história da formação da Arelux não é única. Muitos grupos de basebol, times isolados de futebol, grêmios onde se joga pingue-pongue, pequenos pontos de reunião de jovens, estão se fundindo para formar clubes maiores, mais sólidos e independentes economicamente, com maior prestígio, e por isso mesmo capazes de influência mais eficaz sobre o "nissei" e o "issei".

Em tôdas as associações encontramos uma consciência muito clara da posição do "nissei" e da necessidade de educá-lo, de torná-lo capaz da convivência com brasileiros. Principalmente os diretores têm opiniões formadas sobre o assunto e pretendem que os "clubes" são uma ponte que permite posteriormente a participação do "nissei" em outros clubes nacionais ¹⁴.

Dentro da colônia japonesa, já se esboçou uma crítica a esta tendência. A página em português do Jornal Paulista foi o veículo dessas opiniões, que muitas vezes apareceram em artigos violentos. Afirmam os redatores dessa página que as associações são órgãos segregativos, que, isolando o "nissei", permitem que êle mantenha certas ligações com a colônia movido por possíveis vantagens políticas ou profissionais. Insistem os críticos em que o filho de japoneses é brasileiro e deve agir sempre como tal, vivendo os problemas nacionais, e não limitar-se aos da colônia. Tal atitude é coerente com o edital de inauguração daquele jornal e com a linha que mantém, pelo menos na página em português. Aí encontramos trechos veementes contra as associações de jovens, tais como êste: "Quando o Jornal Paulista combate os 'clubecos de nisseis', fá-lo conhecendo e prevendo as conseqüências dêsse isolamento. E creio mesmo que êsses clubes, no final das contas, não passarão de clunâmbulos a arrastarem-se pelo campo irreal de uma suposta irreabilidade frustrada" ¹⁵.

Os redatores desta parte em português do jornal mantém ainda esta posição extremada. Chegaram mesmo a realizar mesas-redondas com os diretores de clubes, defendendo a idéia de sua extinção ou transformação, para que o "nissei" enfrente o convívio com os brasileiros em lugar de se isolar.

Na verdade, todos os clubes desejam manter-se como grupo isolado, e desejam a participação apenas de "nissei"¹⁶. Encontram para esta situação justificativas várias; mas, na verdade, o prestígio da associação aos olhos do "issei" estaria em perigo se ela fôsse mais aberta. O seu trabalho de abraçar o "nissei" só é possível se contar com a aprovação dos "issei", e, como já vimos atrás, esta aprovação existe atualmente.

Por outro lado, os líderes dos jovens não perderam ainda de vista a colônia japonesa, e toda a sua ação tem em mira o seu grupo de origem e não a sociedade mais ampla. Em uma mesa-redonda sobre o assunto, ouvimos, de diretores de clubes, frases como estas: "Quando entrei para o Clube X, eu era contrário a esta associação, achei que deveríamos entrar de peito aberto num clube brasileiro, mas pensei se seria justo deixar de lado os milhares de "nissei" que existem no campo e recebem educação meio japonesa, meio brasileira? Então entrei para o clube, para melhorar esta situação". Ou ainda outra opinião: "Dizer que os clubes X ou Y provocam segregação racial, posso aceitar, mas não vejo por que condenar. Depende da finalidade: o clube X, com caravanas e competições, procura elevar o nível dos japoneses." Isto mostra claramente que nas associações o "nissei" encontra um grupo homogêneo de convivência, que permite o aprendizado, com um mínimo de conflitos, de certos comportamentos que a família, pelas razões já apontadas, não lhe pode ensinar. Realmente, as associações selecionaram alguns focos de atuação tais como impor o baile como recreação admissível, o uso do português, o namôro e o casamento não arranjado, discutindo estes assuntos e, principalmente, criando condições para que isto se realize normalmente.

A mentalidade feminina e as relações dentro da família são, por seu turno, objeto de constantes discussões com os "issei". A este respeito são muito esclarecedores os relatórios das "caravanas culturais" realizadas por um dos "clubes"; através dos resumos das discussões travadas no interior com o "issei" bem se percebe a posição de luta contra certos padrões de comportamento e uma atitude de tolerância para com outros. As referidas caravanas, tidas como a realização máxima daquele "clube", demonstram claramente como os seus dirigentes vêem o problema: é preciso mudar a mentalidade dos velhos japoneses, introduzindo comportamentos novos, para que a colônia ganhe mais valor aos olhos dos brasileiros e não seja ridicularizada por atitudes estranhas. É manifestação de lealdade para com os outros "nissei", uma consciência de responsabilidade que se traduz em constante preocupação com a ascensão social do grupo. Na introdução ao relatório da VII caravana cultural encontramos este trecho: "Comprome-

temo-nos intimamente, desde que estivesse ao nosso alcance, fazer algo de proveitoso, seja estimular aos estudos, logo combatendo a ignorância que mina o espírito de nossos irmãos do 'hinterland', principalmente da zona rural, prontificando-nos a auxiliá-los em qualquer eventualidade, seja pela apresentação de meios para melhorar a cultura através da boa leitura, rádio etc.; seja ainda prevenindo os pais do perigo futuro de uma escolha errada da vocação de seus filhos, os cuidados que se devem tomar na educação dos mesmos, física e moralmente; seja também demonstrando a necessidade de zelar pelo bem-estar do nosso organismo, quer dos dentes, quer das doenças mais comuns naquela região" 17.

Por aí se vê como pretendem agir êsses jovens "nissei". O problema da ascensão social é para êles muito importante, e através da convivência em clubes transmitem não somente padrões ocidentais indispensáveis à elevação de "status", mas procuram também influir diretamente sobre as famílias, usando o prestígio da associação para conseguir a mudança de certas atitudes dos camponeses imigrantes que possam comprometer seus filhos aos olhos dos brasileiros.

Tais preocupações são muito claras no clube que realiza as caravanas para o interior, tendo como associados só estudantes, principalmente universitários; mas existem também em associações de quadro social diferente.

Perguntando a um membro da diretoria de um clube por que êle, que, tendo vivido em cidades grandes, tinha facilidade em conviver com os brasileiros, não procurava freqüentar um clube nacional, recebemos como resposta: "Isto é um problema econômico, porque o Paulistano e o Harmonia exigem Cr\$ 50.000,00 de jóia".

De modo geral registra-se a procura de participação em ambientes considerados de classe alta. Como existem muitas barreiras para esta participação, a solução é segregação em sociedades capazes de atuar junto à colônia no sentido de elevar o seu nível, ensinando e exigindo tudo o que parece sinal de status elevado. Esta preocupação encontramos-la também num clube de tipo diferente, que congrega filhos de lavradores e visa a difundir entre os homens do campo técnicas de trabalho mais produtivas e aumentar o nível de conforto e higiene. Embora organizado segundo os moldes americanos, e até mesmo usando nome americano, êsse clube nasceu da iniciativa de japoneses e seus descendentes, dirigindo-se apenas à colônia. Em princípios de 1957 assistimos a uma concentração de jovens lavradores em que 80 filhos de japoneses de ambos os sexos receberam aulas sobre técnicas agrícolas, métodos modernos de criação, medidas higiênicas, música e arte, além de informações de caráter geral. O clube reúne principalmente "nissei". No jornal que publica encontramos trechos que indicam claramente a preocupação de elevar o nível de vida no campo através dos jovens, dos quais se espera, aliás, que se empenhem pela reeducação dos pais. Lê-se aí, por exemplo: "Voltamos à casa do senhor M., e, to-

mando chá, começo a ouvir as conversas do jovem N. N., que vai contando as condições de agricultura da região. Ele já tem o modo de pensar diferente dos pais japoneses. Ele é brasileiro e moço do trabalho agrícola. Conhece o assunto com que trabalha..."¹⁸.

Condição preliminar para a melhoria de condições de vida é um sentimento de ligação à terra. Daí o esforço de dar ao "nissei" consciência de que "é preciso agir como brasileiro. Os moços de Salvação preferem conversar mais em japonês do que em português. A terra, entretanto, que os acolhe é o Brasil, onde todos falam a língua portuguesa. A língua portuguesa deve ser estudada com muito carinho"¹⁹.

Em resumo: as associações se caracterizam pela preocupação contínua em criar condições para a ascensão social do "nissei", i. é, fornecendo-lhe comportamentos e atitudes que lhe permitam conseguir o êxito esperado pela família.

Porém, nesse abasileiramento aparente do "nissei" não se pretende cortar as ligações dêste com a colônia, mas aumentar o prestígio dêle aos olhos dos "issei", com vistas a maiores facilidades para a vida profissional. Em geral, os profissionais liberais começam suas atividades em firmas de japoneses ou contando com clientela certa na colônia. Mesmo os que conseguiram um desligamento bastante grande começaram a vida profissional com a vantagem de contar com um grupo solidário.

E' nesse ponto de convergência que se colocam as associações, completando a ação da família, algumas vezes mesmo entrando em luta com os "issei" menos "esclarecidos", mas tendo sempre em mira o grupo de imigrantes e toda a ação voltada para êle.

III. A associação de jovens e a formação da opinião

Pensar o "nissei" de São Paulo como uma unidade é grande êrro. Estamos diante de adolescentes com as mais diversas histórias de vida: alguns que vêm do campo, depois de passarem com a família por duros períodos de ajustamento, outros criados em grandes cidades, filhos de pequenos comerciantes, sempre em escolas brasileiras, com cinema, rádio etc. ao seu alcance. Evidentemente a diversidade de condições faz com que reajam de modo diferente às mesmas situações. O clube juvenil procura homogenizar algumas atitudes e formas de comportamento. Desde o início não há uma distinção rigorosa das condições de vida, correspondente a uma distinção entre os jovens vindos do interior e os nascidos na capital. As entrevistas com alunos das escolas secundárias mostram que mesmo na periferia de São Paulo existem condições de vida rural, e é grande o número de alunos que moram em chácaras, onde trabalham com a família. Êsses, quando freqüentam "clubes", o fazem aos domingos em pequenas agremiações de bairro, quase sempre do tipo "seinen-kai", escapando assim à influência das associações maiores e centrais, e ficando bastante mais ligados à autoridade e às opiniões dos pais.

Temos entrevistas com alunos filhos de lavradores, que, vivendo em pequenos núcleos de granjas, conservam um tipo de vida quase rural. Todos êsses entrevistados, embora nascidos em São Paulo, vivem isolados da cidade.

Entre os "nissei" que vêm do interior é que parece haver os com maior potencialidade para se urbanizarem e com maior consciência dos problemas de contacto, porque o jovem que migra sozinho, devendo enfrentar a cidade grande e ajustar-se a ela, sente melhor os obstáculos decorrentes de sua condição de "nissei".

E é aí que desenvolve atitudes de lealdade para com o grupo de origem, ao mesmo tempo que é obrigado a uma revisão de certos comportamentos, que deverão ser abandonados. Note-se que os diretores das associações são, em sua maioria, escolhidos entre os que vieram para São Paulo adolescentes para freqüentar cursos superiores ou preparar-se para isto.

A história de um estudante de engenharia que veio de uma cidade onde viveu sempre entre brasileiros é bem significativa: "Vim para São Paulo fazer o 3.º ano científico e o cursinho, e quando entrei para a Politécnica é que comecei a freqüentar o clube X. Aí senti a responsabilidade para com os "nissei", e se eu poderia viver facilmente no meio brasileiro, porque sempre vivi e falo bem português, outros não podem e por isso resolvi participar do clube. Enquanto estive em Bauru só tive uma namorada "nissei", e agora não me casarei com brasileira, porque já não acho que o casamento é só entre os dois esposos. Atualmente estou aprendendo japonês, e me arrependo de não o ter aprendido quando pequeno, porque pode ser muito útil". Êste trecho de entrevista mostra duas coisas: 1.º) a mudança de atitudes a partir das necessidades criadas pela vida em São Paulo; e 2.º) o papel do clube na formação de opiniões e na valorização de certos aspectos da conduta ligados à colônias japonesa, tais como a língua, o respeito à família etc.

Partindo dêstes dados, vemos que o clube de "nissei" não é dirigido aos "nissei" do interior, mas feito por êles. Êsses jovens é que por suas experiências sentem necessidade do ambiente restrito do clube, em que se vão recolocar problemas e formar opiniões, chegando em alguns casos a ir mais longe que seus companheiros nascidos e criados na capital. Tomando, por exemplo, a opinião de 70 escolares "nissei" sobre o casamento misto, observamos que 44,8% dos 49 nascidos em São Paulo ou vindos com menos de 10 anos aprovam o casamento misto e justificam-no pelos entendimentos entre os cônjuges, isolando, portanto, a família do contrato de matrimônio; e se tomamos os estudantes vindos com mais de 10 anos para São Paulo e os que aqui estão sem as famílias, num total de 21 entrevistas, temos 61,9% que se manifestaram a favor do casamento fora da colônia. Êste é apenas um exemplo de que as experiências de ajustamento por que passa o "nissei" ao se transferir para a cidade criam condições para uma revisão de suas opiniões. E tomamos o tópico casamento

misto porque as respostas são indicativas de toda uma situação, pois a admissão do casamento misto implica novas relações familiares, em que a submissão à vontade paterna está ausente, e todo o sistema tradicional do casamento arranjado cai por terra.

E' bem verdade que, em grande parte, os alunos entrevistados aprovam o casamento misto, mas não para si mesmos, isto é, não enfrentariam a sua família tentando quebrar os padrões tradicionais. Mas a importância dessa opinião está mais no fato de ser uma nova racionalização da situação de contacto, em que os limites da colônia não são os da convivência²⁰. Todos os diretores de associações que entrevistamos afirmavam categoricamente sua opinião favorável ao casamento misto, mas nenhum procuraria para si tal situação. Apesar disto, muitos são os dados que nos permitem afirmar a clara posição das associações como grupo de defesa do casamento misto²¹ contra a intransigência dos "issei" que não querem abrir mão do sistema tradicional de arranjar casamento e não admitem ainda a convivência em família com pessoas de outra origem. Porém esta defesa é sempre feita em termos da liberdade de escolha do cônjuge, contra o casamento arranjado sem a participação dos jovens. Este padrão já não se pode manter, dada a atual situação de vida do "nissei", que já tem como ideal o casamento romântico, na base de um entendimento entre os cônjuges. Porém, para lutar contra o padrão tradicional, é preciso que os "nissei" admitam a livre escolha do cônjuge, e não podem restringi-la ao grupo de japoneses e seus descendentes.

A admissão do casamento na base do entendimento entre os cônjuges impõe de imediato uma série de inovações para os "nissei", tais como o namôro como padrão reconhecido, a aceitação do casamento misto, a admissão de convivência entre jovens dos dois sexos. As associações, através de suas atividades, propiciam ocasiões para que tais padrões tenham vigor; e assim é que pouco a pouco conseguiram impor o baile como forma de recreação apesar da resistência dos "issei", que, presos às suas tradições culturais (casamento arranjado e não-convivência entre os sexos), não podiam compreendê-lo²².

Encontramos, pois, atualmente, uma situação especial, em que os jovens, premidos pela necessidade de ajustamento a uma nova categoria de idade, procuram as associações para aí reorganizar suas opiniões, e, a partir de certos comportamentos que a situação de vida urbana exige, são obrigados a admitir como válidos muitos outros que não estão dispostos a aceitar para si. De qualquer maneira, isto impede que continuem a existir, ao menos como padrão ideal, restrições a casais em que um dos cônjuges não é japonês ou descendente de japoneses, o que facilitará este tipo de casamento.

E' interessante assinalar o mecanismo de imposição dessas opiniões, porque toda a preocupação dos jovens dirigentes dos clubes é dirigir-se aos "issei" e manter aos olhos destes uma posição de prestígio. Assim os

adolescentes não quebram abertamente a atitude de respeito aos pais, e sem luta, porque não se dispõem a pôr em prática as opiniões que discutem, é muito mais fácil impor sua aceitação.

Para compreender isto, basta lembrar as relações tradicionais na família japonesa e suas transformações com o crescente prestígio dos "nissei", que ganharam fôrça diante dos velhos sem quebrar a sua autoridade. Em nossas entrevistas, observamos que a obediência aos pais e irmãos mais velhos ainda vigora, e freqüentemente obtivemos respostas assim: "Nunca discuto com meus pais por qualquer motivo", mas esta submissão não é total, e os "issei" estão prontos a aceitar inovações, desde que confiem nos jovens.

Compreendemos, então, por que é grande o número de "nissei" nas conferências ou mesas-redondas patrocinadas por clubes de jovens. São sempre êles que mais discutem e demonstram interêsse, encarando com grande seriedade estas iniciativas dos "nissei". Por sua vez, os jovens muitas vêzes lamentam o desaparecimento crescente da obediência aos mais velhos, louvando-a como costume dos mais belos da família japonesa.

Parece-nos que tal situação se tornou possível porque os primeiros imigrantes realizaram uma rápida acomodação, o que permitiu ao "nissei" quase manter o mesmo padrão. A atitude de aceitação, desenvolvida desde os primeiros esforços de ajustamento a uma cultura muito diversa, e aumentada depois da guerra, pela situação particular vivida pelos imigrantes, faz com que os jovens encontrem campo propício para discussão e conseqüente aceitação daqueles comportamentos novos que sentem necessários. Por sua vez, os "nissei" não precisam quebrar uma grande resistência, podem manter quase as mesmas relações dentro da família, apesar de estarem atuando decididamente para a mudança de certos padrões.

Se quiséssemos procurar o sentido desta atuação, veríamos que o que se procura é a crescente ocidentalização da colônia. Tudo o que diverge muito dos padrões ocidentais constitui problema para o "nissei" e todos os assuntos que discutem, e as idéias que pretendem impor sôbre: higiene, mentalidade feminina, elevar o grau de instrução etc., demonstram essa procura e valorização da ocidentalização, e isto se liga à preocupação de ascensão social que domina os jovens. Para conseguir a ascensão se reúnem em clubes, onde podem agir segundo os padrões ocidentais, que identificam com os de classe alta; mas sabem que a família pode ser um empecilho, mantendo costumes que lembram sua condição de imigrantes e podem ser identificados como típicos de classe baixa; por isso têm sempre em vista a colônia, e a pretensão de modificá-la.

Para compreendermos bem a tentativa de ascensão em todos os seus aspectos, seria necessário verificar o significado dos traços raciais nesse processo. Infelizmente ainda não temos dados para discutir mais pormenorizadamente o problema, mas pudemos perceber que os japoneses têm uma clara consciência de sua superioridade racial, mito que decorre da

educação militarista recebida no Japão. Isto leva facilmente ao isolamento e à segregação; e somando-se os obstáculos que se apresentam ao "nissei" quando este pretende um contacto mais aberto com os brasileiros, compreendemos a facilidade com que se isolam nessas sociedades e por que, na verdade, há pouca vontade de quebrar o isolamento. O "nissei" ainda se pensa como um membro da colônia japonesa, consciente de seus limites e de sua superioridade racial, e não sente as barreiras que existem à miscigenação, porque ele próprio não deseja quebrá-las.

Pretendemos obter mais dados para tratar amplamente deste problema, de importância capital para se perceber o mecanismo de ascensão social dos "nissei", mas por ora temos que nos limitar a indicá-lo.

IV. Conclusões

Retomando as hipóteses enunciadas em nosso "Projeto de pesquisa", precisamos colocá-las em outros termos, de acordo com os dados colhidos.

Aceitamos, como ponto de partida, uma estreita ligação entre as associações juvenis e a área em que se localizam, admitindo que são representativas do núcleo de que são partes. Procurávamos ainda classificá-las de acordo com opiniões expressas por seus membros, pretendendo medir uma atitude de resistência ou aceitação do processo aculturativo que atinge a colônia japonesa. Verificamos, porém, no decorrer da pesquisa, que a situação real é bem mais complexa.

É verdade que as associações de "nissei" aparecem freqüentemente em áreas de concentração de população japonesa, mas isto não significa que seu público se limite a esta população. Como foi visto atrás, devemos distinguir entre associações do tipo "seinen-kai", criadas e dirigidas por um pequeno núcleo de vizinhança, e outras, localizadas mais próximas do centro da cidade, dirigidas e organizadas por "nissei" e cujo público é diverso e heterogêneo. Ao segundo tipo pertencem as que mais nos interessaram, por terem atuação direta na imposição de novos padrões e na homogenização das opiniões do grupo que abrangem.

Não podemos, pois, procurar ligar simplesmente um "clube" ao bairro em que ele se localiza, mas é preciso procurar sua diversificação interna. Não há "clubes" de um e outro tipo que reúnam só "nissei" de um bairro, ou só jovens vindos de zonas rurais. Em todos eles encontramos uma população bastante diversificada quanto à zona de origem, porém mais homogênea quanto à posição social.

Como são associações juvenis, é difícil afirmar que exista uma seleção social consciente, uma vez que os jovens ainda não têm definida a sua posição na sociedade. Porém, todos eles têm bem presentes certas perspectivas de ascensão social. É bom lembrar que, como filhos de imigrantes, a aquisição de uma profissão urbana e socialmente valorizada é a meta de todos estes adolescentes se o seu agrupamento se faz em termos das suas

perspectivas de ascensão social. Isto fica bastante claro nos casos de grêmios só de universitários, ou de lavradores que pretendem melhoria técnica, mas mesmo nos outros clubes notamos uma relativa homogeneidade de aspirações e perspectivas.

Muitas associações e times esportivos nasceram da necessidade de se manterem reunidos jovens vindos de uma mesma região. Estudantes, longe de suas famílias e isolados em uma cidade grande, organizavam uma atividade qualquer, freqüentemente um time de baseball ou futebol, para manter um núcleo de recreação e convivência. Nos bairros onde há concentração de japoneses, também apareceram e aparecem pontos de reunião que acabam por se formalizar e dar origem a uma associação; isto, porém, acontece, concomitantemente com o aumento de freqüentadores, o que alarga a área de ação do grêmio, passando então a agir imediatamente a seleção dos associados pela avaliação de sua posição social.

Sobre êste assunto continuamos recolhendo dados que possibilitem tratar mais amplamente o problema.

Quanto à outra hipótese levantada, que diz respeito à classificação das associações de acôrdo com sua atuação em face das mudanças impostas pela marcha da aculturação, procuramos mostrar como apenas certas opiniões, e sempre as mesmas, são discutidas pelos "nissei", e a repercussão que alcançam dentro da colônia.

Isto mostra que os problemas são os mesmos, e os focos de atuação de todos os grupos são comuns, apenas as maneiras de discutir e impor comportamentos novos variam de clube para clube.

Atualmente a associação de "nissei" aparece, pois, com função clara, criando condições para a aceitação de comportamentos novos, e mantendo a ligação do jovem à colônia através da preocupação de agir no sentido da ocidentalização e da procura de ascensão. Não se pode esquecer, porém, que êsses grêmios recreativos são núcleos de segregação. Aí só convivem "nissei", impedindo um maior contacto dêstes com jovens de outras origens. Procuramos no decorrer do trabalho apontar as razões disto e devemos indicar que se essa forma de segregação permite à associação ser um agente positivo de aculturação, ela se cria depois que o adolescente, passando por experiências críticas de ajustamento à vida urbana, sente necessidade de um isolamento para refazer suas opiniões e torná-las vigentes. Compreendida assim a ação dos jovens, vemos que o clube não se opõe à escola ou a outros agentes aculturativos; apenas permite a renovação da experiência que a nova geração vai vivendo ao se afastar cada vez mais da família.

Criar um núcleo de convivência de "nissei" da mesma idade, necessariamente não leva a afastá-los de contactos mais amplos. Os indivíduos de maior prestígio nos clubes são os que obtiveram êxito fora da colônia e que são capazes de viver entre brasileiros facilmente. Entre os adolescentes que não freqüentam êsses núcleos, percebemos uma ligação muito

mais intensa com a família e uma submissão maior aos pais. Em tais condições, a escola não pode atuar eficiente e decisivamente como agente aculturativo, pois a sua ação se limita aos períodos de aula, e mesmo a comunicação entre os alunos é restrita. Não há condições para que as crianças ou os jovens renovem suas atitudes a partir dos contactos esporádicos que a escola brasileira impõe.

Evidentemente, não se pretende negar o papel desempenhado pela escola na aculturação dos "nissei". Basta lembrar a exigência do uso contínuo e fluente do português, para que não se esqueça sua importância, mas a ação que ela exerce é paralela à de outras instituições e situações em que vive o adolescente, e que vão exigir do jovem uma definição de atitude. É aí que emerge neste a consciência de sua posição marginal e então o "nissei" reage, como vimos, desenvolvendo maior lealdade à colônia, mas ao mesmo tempo dispondo-se a renovar suas atitudes e lutar por esta renovação. É quando começa o papel da associação, que no momento ainda permite esta segregação, mas que provavelmente, pelo desenvolvimento coerente que se impõe, no futuro irá abrir suas portas a jovens de outras origens, tal como aconteceu com clubes recreativos fundados por outros imigrantes no passado. Isto talvez aconteça mais rapidamente com os japoneses, de vez que a sua aculturação é rápida, pelo tempo que estão no Brasil, graças a certas condições especiais que atrás discutimos, e porque no interior do grupo nipo-brasileiro já começam a surgir defensores ardorosos da dissolução dos núcleos de segregação.

NOTAS

1) Indicamos, a título de exemplo: Antônio Xavier de Oliveira, "Três heróis da campanha anti-nipônica no Brasil: Felix Pacheco, Artur Neiva e Miguel Couto", **Revista de Imigração e Colonização**, ano VI, n.ºs 2-3, Conselho de Imigração e Colonização, Rio de Janeiro, 1945.

2) **Censo Demográfico** (1.º de julho de 1950), Estados Unidos do Brasil — Seleção dos principais dados, Rio de Janeiro, IBGE, 1953 — pág. 5, quadro 5.

3) **Ibidem**, pág. 26, quadro 15.

4) Saito, Hiroshi, "Tipologia do nissei", **Jornal Paulista**, 1-1-57.

5) **Ibidem**.

6) "Palavras de Inauguração", **Jornal Paulista**, 1.º de Janeiro de 1947, 1.º número, página japonesa.

7) Alguns entrevistados foram bastante claros quanto a isto, afirmando: "Não há oposição dos pais quanto à frequência a clubes, mas o que atrapalha são os estudos", ou "meus pais desejam que eu vá ao clube, mas os estudos não dão tempo", ou, ainda, "minha mãe gostaria de que eu frequentasse; às vezes vou a bailes".

8) O nosso projeto de pesquisa assim apresentava o problema.

9) Podemos indicar algumas situações em que os "nissei" pretendem distinguir-se dos jovens ocidentais: 1) Uma "nissei" convidada por um amigo, também "nissei", para assistir a uma ópera moderna responde: "Isto não é coisa para nissei". 2) Um universitário afirma: "Há paz de espírito em falar japonês. Gostaria de conversar certos assuntos nessa língua com meus filhos e minha esposa". 3) "Para certas situações, a língua japonesa é mais fácil, diz um jovem estudante, não me sinto bem cumprimentando em português. Há muitos jovens que quando namoram falam japonês, mesmo não sabendo falar bem".

10) Saito, Hiroshi, artigo citado.

11) Stoetzel, Jean, *Jeunesse sans chrysanthème ni sabre*, Plon, Unesco, 1954, pág. 75.

12) Eisenstadt, S. M., *From generation to generation*. Age groups and social structure, Routledge and Kegan Paul, Londres, 1956.

(13) **O Arelux**, Órgão da Arelux, Associação Recreativa e Esportiva Lux, setembro de 1957, São Paulo, n.º 1, ano 1.º.

(14) Alguns trechos de entrevistas com dirigentes de associações são especialmente significativos: 1) "Para os elementos que vêm do interior, o clube é intermediário. O 'nissei' é tímido e precisa de um ambiente para distrair-se, e quando não vai no clube, cai no snooker ou em outros caminhos ruins. Esses clubes são intermediários, porque os do interior, aprendendo a dançar etc., podem participar de outros clubes brasileiros". 2) "A finalidade maior do clube é ensinar boas maneiras aos que vêm do sítio, para que possam entrar para outros clubes. Serve como um trampolim, ensinando a dançar, a conversar melhor, porque na roça não fazem ambiente com os brasileiros".

15) "Fatos e idéias", **Jornal Paulista**, 9-5-1953.

16) Quando iniciaram o Torneio Nipo-Brasileiro de Futebol, em que tomam parte tôdas as associações de São Paulo e algumas de fora, foi formalmente discutida a participação de elementos não "nissei", mas decidiram os representantes dos clubes pela não participação, alegando que os brasileiros jogam melhor que os "nissei", o que deixaria os últimos em situação de "inferioridade".

17) **Relatório da VII caravana cultural**, Associação Cultural e Esportiva Piratininga, julho de 1954 (ms).

18) "Impressão de viagem à Alta Paulista e Alta Sorocabana", **Os Jovens**, 25-2-57, São Paulo, ano 2, n.º 11, pág. em português.

19) **Ibidem**.

20) O trecho de entrevista transcrito na página anterior parece estar em contradição com esta afirmação, mas na verdade declara apenas a mudança de atitude do entrevistado com relação a sua família. Teoricamente também ele admite o casamento misto, como qualquer outro membro da associação a que pertence. Isto mostra o papel destes grupos de jovens na homogenização da opinião.

21) Em todos os relatórios de caravanas culturais encontramos o casamento misto como tema de discussão assim como no temário de tôdas as mesas-redondas de que participamos em diferentes "clubes".

22) Esta posição dos "issei" aparece claramente em um trecho do "Relatório da IX Caravana", 1955, **Revista da Caravana**, pág. 51: "...um dos caravanistas quis saber a opinião dos "issei" sôbre o baile. Para alguns senhores ali presentes, a dança não passa de um instrumento, um meio para arranjar casamento. Houve muitos protestos por parte dos caravanistas que procuravam dar maior ênfase à dança como recreação sadia e natural (congraçamento social). Para demonstrar o que foi dito, citaram o caso de pessoas casadas que também apreciam os bailes. Entre os ocidentais, nas festas familiares, é muito freqüente os casais trocarem de par. Isto tudo é muito natural, desde que não se interprete com malícia, pois alguns senhores não acataram bem êsse costume ocidental de troca de pares. Procuramos frisar também que os bailes (quando bem freqüentados, é claro) dão ainda oportunidades de fazer boas amizades e fazer trocas de idéias, não apenas entre pessoas de sexo oposto, mas também entre pessoas do mesmo sexo. Ainda não muito satisfeito com os nossos argumentos, um dos ouvintes formulou uma pergunta especial às moças da caravana: 'A moça não pensa imediatamente em casar-se com o rapaz que a convidou para dançar uma música?' Uma das caravanistas respondeu, dizendo que hoje em dia dificilmente encontraríamos uma jovem tão ingênua, capaz de pensamentos tão absurdos... (mas) reconhecem que os 'issei' devem procurar adaptar-se aos novos costumes e devem dar maior compreensão ao espírito dos 'nissei'".